

Espiritismo e Arte

Desde os registros mais antigos da existência da espécie humana sobre a Terra encontramos vestígios de seus hábitos e preferências, sendo interessante perceber dentre as necessidades no primitivismo humano não apenas a de saciar a fome proteger-se do frio, prover as necessidades físicas, mas, também, a de expressar-se artisticamente. Desenhos grafados nas paredes, esboços rudes de instrumentos musicais, adornos embrutecidos para enfeitar suas feições – eis alguns exemplos de expressão que grafou a passagem do Homem pela Terra e o acompanha até hoje (tendo evoluído nos mais diversos campos), já que jamais foi encontrada a existência de um grupo social onde não houvesse a manifestação artística em algumas de suas vertentes.

Essa percepção de haver uma evolução artística (no sentido estético) desde os tempos primitivos até a contemporaneidade é um tanto quanto combatida pela grande maioria dos críticos de arte, que buscam analisar cada manifestação dentro do seu contexto histórico-sociocultural, sem estabelecer comparações de caráter hierárquico. Entretanto, à medida que percebemos a evolução da humanidade – tanto moral quanto intelectualmente – através dos milênios, torna-se lógico estender essa compreensão evolutiva também no aspecto artístico.

De acordo com Léon Denis em “O Espiritismo na Arte”, “A arte é a busca, o estudo, a manifestação dessa beleza eterna da qual percebemos, aqui na Terra, um pálido reflexo”. Analisando sob essa perspectiva podemos concluir que à medida que a Humanidade evolui apura-se a compreensão da Divindade e, conseqüentemente, sublima-se a representação artística que deriva dessa compreensão.

Em todos os setores da sociedade e em diversos momentos da Humanidade pudemos contar com a doação abnegada de Espíritos que se dedicaram a atividades nobres almejando auxiliar-nos: Espíritos missionários que escolheram estar entre nós por amor, mesmo não mais necessitando de tais provas. O mesmo aconteceu no campo artístico, onde é notável o salto (tanto no sentido técnico quanto no estético) que marcou a História durante a eclosão clássica na Grécia e Roma antigas e, posteriormente, quando o mundo vislumbrou o despertar artístico durante o Renascimento (que, não ao acaso, recebia em seu seio os mesmos Espíritos da Grécia e Roma agora reencarnados para estenderem seus trabalhos).

No mesmo livro, León Denis afirma que “O papel fundamental da arte é exprimir a vida em toda a sua potência, sua graça e sua beleza”. Nesse sentido nós, espíritas, não podemos admitir que a vida se limite a tudo o que a matéria encerra, assim como a arte não deve se limitar apenas a reproduzir fielmente tudo aquilo que nossos olhos físicos vêem. A vida é muito mais e vai além da vã percepção dos nossos sentidos – eis a grande tarefa do artista preocupado com a verdade, consciente de sua missão. E assim como as páginas da história grafam o surgimento da arte pagã – a se rastejar como a lagarta primitiva - o desenvolvimento da arte cristã – a reunir os preceitos basilares simbolizando a crisálida – perceberemos um dia o despertar luminoso da arte espírita, como a borboleta que alça o vôo divino com as asas da moralidade e do saber. Virá o tempo em que a arte será mais bela do que qualquer músico ou pintor já registrou. E será bela porque terá como inspiração as belezas infinitas e a verdade consoladora trazida pelo Espiritismo. Porque irá despertar não os instintos, mas os

sentimentos divinos no coração de cada homem. Relembrando as palavras de Kardec em Obras Póstumas (item “Sobre as Artes em geral”, 1ª parte): “Sim, certamente, o Espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção haurirá nesta fonte as mais sublimes inspirações...”

E se ainda não chegou o momento de consolidação dessa nova etapa é notável o fato de que participamos hoje da edificação de seus princípios. Que possamos, enquanto trabalhadores espíritas, buscar a ferramenta artística como auxílio em nossas atividades de divulgação, mas, sobretudo, nas de evangelização, contribuindo ativamente para o processo de espiritualização da arte que é decorrente da espiritualização de nós mesmos.

Nathália Del Rey (23.08.2012)

OBS: Nathália Del Rey é oradora espírita e trabalhadora do Centro Espírita Luz e Verdade.